

Referências

- KANT, I. *Crítica da Razão Prática*. Lisboa: Ed. 70
- KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Ed. 70
- WALKER, R. *Kant e a Lei Moral*. São Paulo: UNESP, 1999
- SANTOS, A. R. *Ética: Caminhos da Realização Humana*. São Paulo: Ave-Maria. 1997
- PASCAL, G. *O Pensamento de Kant*. Petrópolis: Vozes, 1977
- GARCIA, M. M. *Fundamentos de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1930
- SANCHES VAZQUEZ, A. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996
- RUSSELL, B. *História da Filosofia Ocidental*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1969
- CRAMPE-CASNABET, M. *Kant: uma revolução filosófica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994
- REALE, G. *História da filosofia: Do Humanismo a Kant*. São Paulo: Paulus, 1990

Páginas eletrônicas consultadas:

XAVIER Dartiu, coordenador do Proad (Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes), da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). Disponível em: <<http://www.drogas.org.br>>. Acesso em 05 de outubro de 2004.

<www.conciencia.br/especial/drogas> Acesso em 04 de novembro de 2004.

<<http://www.antidrogas.com.br>> Acesso em 04 de novembro de 2004.

<<http://www.diganaoasdrogas.com.br>> Acesso em 04 de novembro de 2004.

<<http://www.terra.com.br/saude/drogas>> Acesso em 04 de novembro de 2004.

<<http://www.terravista.pt/meco/1185>> Acesso em 04 de novembro de 2004.

<<http://www.portaldrogas.hpg.ig.com.br>> Acesso em 04 de novembro de 2004.

<(http://gballone.sites.uol.com.br/voce/drogas.htm)> Acesso em 04 de novembro de 2004.

Conclusão

Chegando ao final deste trabalho procurei apresentar a autonomia dentro do pensamento de Kant, que é respeitar a liberdade de cada ser racional dentro da sociedade e a divisão desta liberdade e seu conceito. E o princípio da autonomia com suas devidas distinções e a forma em que Kant trata sobre as divisões da liberdade e a forma correta de liberdade que o princípio da autonomia, baseado na Crítica da Razão Prática e alguns comentadores da proposta de moral kantiana.

Distinguindo e definindo como pode ser tratada a autonomia dos dependentes de drogas, e procurando descobrir se o dependente é autônomo e a forma em que alguns pesquisadores tratam sobre o assunto, pude perceber que o dependente químico tem autonomia mesmo que não a coloque em prática, por estar bloqueada pela força com que a droga atinge e domina as ações e o comportamento do indivíduo.

Enfim, posso afirmar que se colocar a moral kantiana em prática, poderemos dizer que a moral kantiana pode sim interpretar o problema das drogas em nossa realidade, mesmo que no período em que Kant viveu o uso de drogas não fosse um problema digno de interesse para a elaboração de sua moral, que foi pensada para um momento diferente do contexto histórico de nossos tempos.

químicos, que age não de acordo com sua própria vontade e sim sob o efeito que as drogas causam a seu cérebro.

O homem deve orientar-se no pensamento procurando um referencial para depois seguir seus princípios e tudo isso usando a razão para depois apurar seu pensamento, podendo assim ser autônomo, pois o homem oscila muito entre a liberdade positiva e a liberdade negativa, dependendo de circunstâncias do meio, muitas vezes não tendo autonomia para colocar sua liberdade racional em prática.

É relativamente fácil observar que todo ser racional, antes de encontrar sua liberdade positiva, vive em uma liberdade negativa. Entretanto para sairmos dessa liberdade negativa, devemos fazer uma análise reflexiva sobre a experiência. Pois só assim utilizaremos a razão para discernir o verdadeiro do falso. A razão nos fornece subsídios para pensarmos autonomamente, questionando e indagando a real visão da autonomia, usando a razão como fonte de inspiração para um pensamento próprio.

A objetividade da autonomia não é condicionada pelo meio em que o homem vive, e no entanto, deve seguir seus princípios para ser assim autônomo. Mesmo assim, o homem segue regras impostas pelo seu país e não somente pelos próprios desejos ou princípios. Na maioria das vezes o homem vive dentro de uma forma negativa de liberdade negativa, tendo que respeitar, leis e regras que se tem na sociedade e não somente pelo próprio princípio que ele constitui. Sendo que tudo essa forma de sobrevivência não irá impedir que seja um ser autônomo dentro da subjetividade sociedade em si.

Kant porém propõe uma concepção de autonomia que pode ser aplicada para interpretar o problema das drogas em nossa atualidade, respeitando a liberdade de cada componente da sociedade e a liberdade como princípio para a autonomia.

A filosofia, por ser um saber que tem a responsabilidade de questionar segundo seu conceito as outras ciências, deve procurar entender o problema e oferecer subsídios e ajudar a entender a forma pela qual cada indivíduo busca sua própria identidade. Voltando ao exemplo que foi citado na formulação da liberdade como negativa e positiva, o caso do robô e do homem, o homem questiona suas ações e a própria existência e o robô simplesmente efetua suas atividades conforme foi programado.

Hoje os pesquisadores procuram conhecer e respeitar o princípio da autonomia para poder estar efetuando o tratamento, respeitando a liberdade do dependente. Pois, se forem efetuar o tratamento sem o consenso do dependente, terá um resultado negativo. Por isso terá que se despertar em cada dependente a sua vontade de ser ajudado para se ter um resultado positivo no tratamento.

Muito se diz que o dependente não precisa querer ser tratado, bastando a família querer que seja feita recuperação, mesmo desrespeitando a liberdade do dependente, que é um dos princípios da autonomia de cada ser humano. No primeiro caso citado neste parágrafo não se trata de liberdade positiva, pois o dependente está sempre necessitando de algo exterior a ele. Mesmo assim, o homem dependente tem a autonomia de querer ou não receber ajuda exterior para resgatar sua autonomia no sentido objetivo e se dissermos que o homem em estado de dependência não é autônomo estaremos desrespeitando o sentido de autonomia.

Ao usar drogas o homem tem apenas o sentido negativo da liberdade e a usa para conseguir seus objetivos. É neste momento que a lei civil brasileira o considera um ser incapaz de responder pelos seus atos frente à justiça. Podemos então encontrar aqui uma contradição: se o homem é considerado autônomo para decidir sobre seu tratamento por que não pode responder pelos crimes que por ventura praticará frente a Constituição? Este indivíduo é considerado um ser manipulado pelos efeitos dos produtos

No entanto, alguém é considerado autônomo até o ponto em que se torna um viciado, necessitando das drogas, que são causas exteriores a ele, para continuar a sua vida. No mundo dos fenômenos, sob o aspecto da liberdade negativa, pode ser considerado autônomo, mesmo que a ciência o considere um doente.

Mas não é só a busca de um alívio que leva a esse consumo. "Existem dois tipos de vício: um que serve para alterar a percepção de uma realidade intolerável e outro que passa só pela questão do prazer", afirma o psiquiatra Dartiu Xavier, coordenador do Proad (Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes), da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo). (www.conciencia.br/especial/drogas)

Como exposto anteriormente, o usuário não perde sua autonomia, mas, do ponto de vista médico e social, faz com que as causas exteriores a ele a bloqueie. Com ajuda de profissionais qualificados, o dependente ira desbloqueá-la e retornará a ser autônomo.

De que forma será feito este desbloqueio?

Com ajuda de psicólogos ou psiquiatras e até mesmo de medicamentos. O mais importante é que neste momento o usuário seja autônomo para aceitar o tratamento e deixar o uso das drogas. É neste momento que o dependente assume sua liberdade no sentido positivo, com a atitude de aceitar que alguém exterior a ele o ajude a desbloquear sua própria autonomia.

4. Como aplicar a moral kantiana ao problema das drogas?

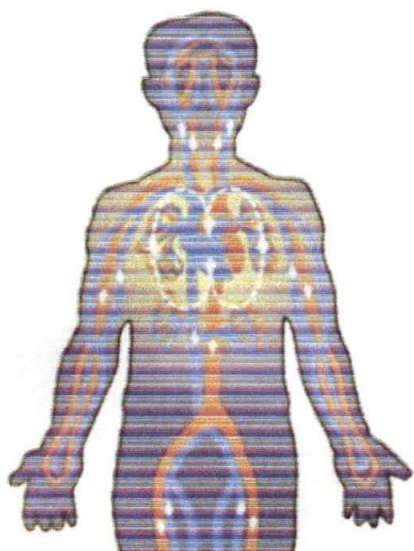
De acordo com os estudos realizados para entender o pensamento kantiano e as definições dos dependentes de drogas, podemos concluir que pode ser aplicada a moral kantiana para compreender o problema das drogas em nossa atualidade, respeitando o contexto histórico em que Immanuel Kant viveu, quando as drogas não eram um problema relacionado com a moral.

“As drogas podem ser administradas oralmente, aspiradas pelo nariz ou inaladas até os pulmões. Podem também ser injetadas através da pele, de uma camada de gordura, músculo ou dentro de uma veia (via intravenosa). A injeção intravenosa é a via que produz os efeitos mais rápidos.”
(<http://www.antidrogas.com.br>)

Diante de todas as considerações das ciências médicas, pelas quais a dependência de drogas pode ser considerada uma doença, sustentamos que o uso de drogas deve ser considerado também um problema moral, pois o homem é o responsável direto desta suposta doença que está adquirindo. Caso não tivesse usado pela primeira vez e conseqüentemente a segunda e daí por diante se tornando um dependente químico, que neste caso, não seria considerado um doente. Do ponto de vista moral parece que o usuário de drogas deva ser considerado responsável direto pelos seus atos, não jogando a culpa ou responsabilizando outros fatores pelas conseqüências que virão, como aconteceria caso pudesse ser visto apenas como um doente.

3.3 O dependente químico é autônomo?

Segundo as leis brasileiras, o dependente químico não é autônomo para ser responsabilizado pelos seus atos ou crimes. De acordo com a lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976, (legislação complementar do Código Penal), em seu artigo 19: *“É isento de pena o agente que, em razão da dependência, ou sob o efeito de substância entorpecente ou que determine dependência física ou psíquica proveniente de causa fortuito ou força maior (...)”*. O dependente químico não pode ser responsabilizado pelos seus atos segundo a lei citada. Neste caso não é autônomo, pois, depende de causas externas a ele para satisfazer seu vício, estando assim, ligado diretamente à liberdade em seu sentido negativo, onde o ser humano vive pela pulsão e não pela sua liberdade positiva, como Kant afirma, respeitando sua própria liberdade de ser racional. Com o pensamento que foi apresentado dentro deste conceito o dependente não perde totalmente sua autonomia.



As drogas circulam de maneira previsível pelo corpo e ganham maior velocidade e alcance a partir do momento em que entram na corrente sanguínea

O sangue circula dos tecidos para o coração através das veias. Do coração, ele parte para os pulmões para adquirir oxigênio e liberar o dióxido de carbono. O sangue volta, então, para o coração através das artérias, carregando consigo a droga..”

(<http://www.antidrogas.com.br>)

As drogas passam por todos os tecidos e podem favorecer o desenvolvimento de doenças, levando o dependente há ter mau estar e tornando-o um doente que necessitará de tratamento médico especializado além do acompanhamento de psiquiatras e psicólogos.

“Uso nocivo é um padrão de uso de substância psicoativa que está causando dano à saúde. O dano pode ser físico (como no caso de hepatite decorrente da administração de drogas injetáveis) ou mental (ex. episódio depressivo secundário a um grande consumo de álcool).”

(<http://www.antidrogas.com.br>)

Como podemos ver, o percurso das drogas no corpo do homem segue o sangue, que é o meio mais rápido para atingir todos os órgãos do corpo e principalmente o cérebro, que é o ponto de atuação das drogas. Isso faz com que o homem se torne um dependente e não consiga viver sem a droga, chegando a ser uma doença física e não somente uma doença psíquica. A satisfação dependerá, neste caso, das drogas para atingir seu clímax. Tal situação poderá ser considerada normal pelo dependente.

Com este pensamento o usuário é um ser que, depois de tratado e recuperado, poderá voltar a responder pelos seus crimes e atos realizados durante sua vida, deste ponto em diante. *“Em estado de dependência psicológica, o indivíduo sente um impulso irrefreável, tem que fazer uso das drogas a fim de evitar o mal-estar”*, afirma Ivan Braun, médico supervisor de residentes junto ao Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas (Grea), do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP).

3.2 As drogas como doença

O uso de drogas é considerado doença perante a medicina, de acordo com pesquisas que podem se consultadas nas paginas eletrônicas, pois, o dependente químico, seja qual for o tipo drogas de que se torne usuário, estará colocando em risco sua saúde e se tornando doente. A dependência de drogas é reconhecida como doença pelo Conselho Internacional de Doenças que a sinaliza pela sigla CID 10. O uso abusivo de entorpecentes afeta principalmente o sistema nervoso, podendo o usuário mudar de personalidade frente a seus familiares e à sociedade.

Atualmente, entretanto, não se pode falar de uma personalidade estritamente dependente de substâncias, tomando-se por base os Transtorno de Personalidade específicos e definidos de forma categorial pelo CID.10 e DSM.IV. Nesse sentido, o consumo exagerado de substâncias pode servir até, como a automedicação de certos tipos de personalidade, pretendendo atenuar impulsos agressivos, a disforia, a raiva e depressão. Dessa forma os Transtorno de Personalidade se associam muito mais com a dependência de substâncias que outros diagnósticos psiquiátricos.

(<http://gballone.sites.uol.com.br/voce/drogas.htm>)

No entanto as drogas circulam por todo o corpo, a partir do momento que atinge a corrente sanguínea, atingindo assim, o cérebro onde é seu principal ponto de atuação.

No entanto o uso de drogas é um problema moral?

3.1 A sociedade e as drogas

De acordo com a psicologia e a psiquiatria, o dependente químico é um ser que não pode assumir nenhuma responsabilidade durante o período de consumo ou uso de drogas. Pois elas são consideradas uma espécie de estimulante, que deixa o usuário elétrico. Deixando de lado sua timidez, passa a ser um ser que não pode responder pelos seus atos. Pode ser reconhecido como um doente e não um ser responsável, capaz de assumir suas responsabilidades diante de uma sociedade.

As drogas são prejudiciais à saúde do ser humano que as utiliza, por serem entorpecentes e psico-ativas. O viciado busca refugio nas drogas, faz de tudo para adquirir e saciar suas necessidades. As drogas atingem diretamente o cérebro do ser humano e passam a ter controle sobre o usuário.

Em estado de dependência psicológica, o indivíduo sente um impulso irrefreável, tem que fazer uso das drogas a fim de evitar o mal-estar. A dependência psicológica indica a existência de alterações psíquicas que favorecem a aquisição do hábito. O hábito é um dos aspectos importantes a ser considerado na toxicomania, pois a dependência psíquica e a tolerância significam que a dose deverá ser ainda aumentada para se obter os efeitos desejados. A tolerância é o fenômeno responsável pela necessidade sempre presente que o viciado sente em aumentar o uso da droga.
(www.antidrogas.com.br)

Durante anos a fio, o uso de drogas foi considerado como um problema das pessoas de nível financeiro baixo. No entanto hoje se fala muito em drogas ao ponto que a dependência passa a ser considerada como doença, que pode ser tratada e da qual o dependente pode ser curado e reintegrado à sociedade. Esse conceito de que somente as pessoas de nível financeiro baixo seriam usuários ou dependentes caiu por terra e passou a representar um grande obstáculo na consideração do uso de drogas como um problema de saúde, pois o usuário busca as drogas como refugio para si mesmo.

"O fenômeno da dependência de drogas é algo que se prende à condição humana com diversas finalidades, desde a de apaziguar as dores, as angústias, as tristezas, até o de elevar aos deuses", escrevem os psiquiatras Antônio Pacheco Palha e João Romildo Bueno no prefácio do livro "Dependência de Drogas", que compila textos de 54 especialistas no assunto. "Assim sendo", continuam eles, "é natural que, enquanto houver dor, angústia, frustração, abatimento e dúvidas o homem irá continuar o uso de drogas". (www.drogas.org.br)

O homem esta sempre em busca das drogas por que são um dos refúgios da realidade em que vive. Por isso, por mais que se combatam as drogas, sempre teremos usuários. Entretanto o uso de drogas, embora os cientistas afirmem que é uma doença, vai continuar sendo um problema social que todos terão que enfrentar.

Como comentei no parágrafo anterior, o problema das drogas em nossa realidade, enquanto problema social, de saúde e moral, não é exclusividade de um só país do terceiro mundo mas é de ordem mundial. Os usuários são levados por um efeito passageiro e tem que buscar mais e mais para satisfazer suas necessidades. Torna-se um ciclo vicioso, que causa dependência ao homem, levando-o a estar sempre em busca para ter como satisfazer sua própria necessidade não importando com a forma pela qual poderá manter seu vício.

"O uso indevido de drogas lícitas ou ilícitas constitui-se, atualmente, em problema de ordem internacional, preocupando nações do mundo inteiro. Por sua complexidade e amplitude, é um mal que ameaça as estruturas dos Estados, afetando seus valores políticos, econômicos, sociais e culturais."
(www.drogas.org.br)

Entretanto, o homem está sempre em busca de sua autonomia e a forma de praticar ou usar sua liberdade buscando o respeito dentro do meio em que vive, respeitando as leis e a cultura de seu país ou sociedade. Neste momento o dependente passa a ser questionado e observado com um olhar de discriminação, porque a própria sociedade o condena pelos seus atos praticados frente a este grupo.

Dentro dos direitos civis, o uso de drogas é considerado um dos grandes problemas para a população, não só em nível de Brasil como também em nível mundial. O numero crescente de usuários vem crescendo dia-após-dia, causando danos às famílias brasileiras e do mundo.

Os grandes pensadores, desde a Grécia Antiga, questionam e refletem sobre os problemas de toda a sociedade, não como uma ciência que estuda as particularidades dos problemas e sim, com a ciência que considera os aspectos mais amplos dos problemas. Neste sentido, no decorrer deste texto e procurarei descobrir se o uso de drogas é ou não um problema moral.

Mas o que leva algumas pessoas à perda do controle independe de critérios simples, como a quantidade de droga ingerida. Para Xavier, um dos motivos pode ser a existência de problemas psíquicos e emocionais na vida do usuário. Em sua tese de doutorado, ele avaliou dependentes de álcool e de cocaína e descobriu que 80% apresentavam algum distúrbio nessa linha, sendo que 44% tinham depressão - a maioria adquirida antes do consumo de drogas. "É como se a droga servisse de alívio para os sintomas depressivos. Está aí a entrada para a dependência química", afirma. Segundo o pesquisador, problemas na família são outro fator de risco para a dependência. "Teoricamente não é possível que uma pessoa sem problemas acabe se viciando", diz. Claro que é preciso levar em conta qual droga está sendo consumida. (psiquiatra Dartiu Xavier, coordenador do Proad (Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes), da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo. (www.drogas.org.br))

De acordo com este pesquisador, o uso de drogas é causado por inúmeros fatores, que comprometem a saúde e o comportamento do dependente frente à sociedade. Cada tipo de dependência é relativo a outro que tem ou não um percentual maior ou menor de usuários, dependendo da forma de drogas. As de maior aceitação são álcool, medicamentos e o tabagismo, entre as drogas consideradas licitas, e maconha, cocaína, entre as consideradas drogas ilícitas. Podemos afirmar que a dependência de drogas é um problema social. Não desmerecendo o mérito da psicologia e da sociologia que são duas ciências envolvidas diretamente com o problema das drogas, a filosofia também haverá de dar sua contribuição para tentar solucionar este grave problema.

subjetividade dos elementos da lei prática. Sem a subjetividade das regras não podemos afirmar que exista a objetividade da lei prática.

“Toda a matéria das regras práticas se baseia sempre em condições subjetivas, que não lhe conferem nenhuma universalidade para seres racionais e não lhe conferem nenhuma universalidade condicionada (no caso de eu desejar isto ou aquilo, o que devo então fazer para o tornar real), e todas elas giram conjuntamente em torno do princípio da *própria felicidade*.” (CRPr, p. 46, § 8)

Respeitando os seus próprios princípios, o homem passa a ser um ser autônomo, que tem a lei moral como um ponto de partida para seus atos, ele estará tendo a essência da autonomia moral kantiana e respeitando a Deus como ser exterior e superior dentro da perfeição da natureza. Portanto, a lei prática deve ser então a matéria que irá acrescentar na vontade e tornando assim, a independência da vontade como lei.

“Portanto, a simples forma de uma lei, que limita a matéria, deve ao mesmo tempo ser um fundamento para acrescentar esta matéria à vontade, mas não para pressupor que a matéria seja, por exemplo, a minha própria felicidade. Se atribuo esta [matéria] a cada um (como, na realidade, me é permitido fazer nos seres finitos), ela só pode tornar-se então uma lei prática *objectiva* se na mesma incluir também a felicidade de outrem.” (CRPr, p. 47, § 8)

Entretanto, a lei moral não deixa dúvidas ou incertezas de que a autonomia da razão, isto é, da liberdade, seja também a condição formal de todas as máximas, pois, somente obedecendo a ela é que elas podem se harmonizar com a lei. A vontade pode se submeter a uma lei da razão prática, sendo que esta submissão é a liberdade, que faz com que a vontade venha a obedecer a uma lei universal que se dá a si mesma. No entanto a vontade se torna eticamente correta e passa a definir-se pela autonomia.

3. As drogas na atualidade são um problema moral?

importante para a independência da vontade. É não deixar que a natureza interfira na própria vontade.

“Com efeito, na independência a respeito de toda a matéria da lei (isto é, de um objeto desejado) e, ao mesmo tempo, na determinação do livre arbítrio pela simples forma legisladora universal, de que uma máxima deve ser capaz, é que consiste o princípio único da moralidade. Mas essa independência é a liberdade em sentido negativo, ...” (CRPr, p. 45 § 8)

No pensamento kantiano heteronomia é quando a vontade é determinada pelo objeto de desejo. A vontade no mundo dos fenômenos não tem a liberdade racional como um princípio. No entanto a vontade está ligada à liberdade do mundo sensível e não é determinada por uma lei moral e sim por uma vontade natural das coisas, respeitando a lei dos fenômenos.

A lei moral dá autonomia ao homem, no agir e no pensar; é a lei que possibilita a ele ter liberdade e vontade para agir. Dentro do pensamento kantiano, este é o sentido positivo de liberdade que já definimos anteriormente que é o princípio da autonomia.

Dentro do pensamento kantiano, é abordado a subjetiva da autonomia, aquela que parte do exterior para o interior do homem dentro de uma sociedade com suas leis já constituídas. No entanto, homem nasce e cresce dentro desta sociedade, respeitando seus costumes e sua cultura. Sua liberdade neste sentido é natural e será regida por normas determinada pela sua cultura. Dentro do pensamento de Kant o homem vive a busca da autonomia e não baseando sua essência em leis exteriores, buscando adaptar-se aos usos e costumes de seu país, respeitando as leis práticas e empíricas de sua sociedade. Estas leis não possuem como objetivo ser universais, como deveria ser dentro da razão kantiana, e sim, expressar o interesse de universalidade dentro de um país ou de uma sociedade.

O indivíduo estará sempre buscando sua autonomia respeitando regras que partem do exterior para seu próprio interior. Assim possui a *universalidade condicionada* por fatores exteriores ao homem, no intuito de ser praticada somente por um grupo e não pela universalidade em seu verdadeiro sentido. Sendo que toda a autonomia do homem sempre estará ligada a

independente das condições empíricas (isto é, pertencentes ao mundo sensível) ser apesar de tudo determinável, é preciso que uma vontade livre, independentemente da matéria da lei, encontre, não obstante, na lei um princípio de determinação.” (CRPr, p. 40, § 6)

A liberdade para Kant é aquela que parte do princípio que cada homem traz dentro de si, tendo como ponto de partida a lei moral, que impõe a consciência como matéria da lei. A liberdade kantiana é a independência da vontade em relação às leis naturais. Kant exclui o sentido negativo de liberdade e atribui a forma negativa ao mundo dos fenômenos e volta a vontade para o sentido positivo de liberdade, remetendo a liberdade dentro da lei moral.

2. O que é autonomia?

Autonomia é a capacidade de exercer suas atividades sem necessitar da ajuda de causas exteriores. No pensamento kantiano, é o poder de distinguir a independência da vontade e a capacidade de estabelecer definitivamente sua identidade com a lei prática.

“Autonomia da vontade é aquela sua propriedade graças à qual ela é para si mesma a sua lei (independência da natureza dos objetos do querer). O princípio da autonomia é portanto: não escolher senão de modo a que as máximas da escolha estejam incluídas simultaneamente, no querer mesmo, como lei universal.” (KANT, Fundamentação da Metafísica dos Costumes, p.88)

O conceito de universalidade para Kant é quando a lei prática só é válida para a vontade de todos os seres racionais. O homem tem que preocupar com o conceito de universalidade respeitando da lei prática como princípio. Por isso definimos a liberdade como independência em relação aos conteúdos da lei moral segundo Kant.

O princípio da autonomia kantiana é a liberdade e a independência da vontade, mesmo que tenha liberdade definida nos dois sentidos: negativa e positiva, dentro de uma sociedade já constituída. O

que foi dito anteriormente. Neste o homem é movido simplesmente pela razão e por seus próprios princípios, buscando sua máxima no sentido de universalidade e aplicando a lei moral em seus atos.

“a liberdade e a lei prática incondicionada referem-se, pois, uma à outra. Ora bem, aqui não pergunto se, de fato, elas também são diversas e se uma lei incondicionada não é antes apenas a autoconsciência (*selbstbewusstsein*) de uma razão pura prática, confundindo-se esta, porém, com o conceito positivo de liberdade,...” (CRPr, p.41, § 6)

Segundo o conceito de liberdade positiva o homem é livre para pensar e agir racionalmente. A natureza não explica a liberdade, pois a liberdade não precisa se apegar a nenhum elemento exterior para ter sua verdadeira essência.

A liberdade, no seu sentido positivo, é incondicional e o homem a possui por ser um ser racional. A liberdade oferece ao homem a oportunidade de questionar todos os seus atos, sem depender de qualquer outro mecanismo para se apoiar, a não ser a mesma razão.

O conceito positivo de liberdade é o que pode ser aplicado aos seres racionais, pois estes buscam a liberdade em um âmbito de aplicação universal e não no sentido natural do objeto. Neste caso, pode-se afirmar que a vontade não oculta a liberdade dos seres racionais.

“Supondo que uma vontade é livre: encontrar a lei que é a única adequada para a determinar necessariamente.” (CRPr, p. 40. § 6)

Considerando que a vontade é livre, Kant afirma que o homem pode exercer sua liberdade somente através da lei moral, pois uma refere-se à outra. Só os que buscam essa liberdade com racionalidade e vontade de fazer com que seja universal e não individual, buscam assim a sua própria máxima. No entanto, procurar conhecer a própria liberdade é exercer o direito de ter sua própria autonomia dentro de uma lei moral incondicional e universal.

“Visto que a matéria da lei prática, isto é, um objeto da máxima, nunca pode ser dada senão empiricamente, devendo porém a vontade livre, enquanto

Liberdade é uma propriedade do ser humano e não da natureza. Assim, podemos afirmar que a liberdade fenomenal é negativa. Este é o sentido natural de liberdade. Pensando assim, o homem não necessita de uma causa exterior a ele para agir, caso não esteja preso a nada. Este é o sentido negativo de liberdade para Kant. Um exemplo que pode clarear este conceito, apesar de não pertencer ao contexto kantiano, é o de um robô, programado para exercer certo tipo de atividade. Este irá exercer somente o que foi programado sem questionar. Ao contrário do homem que exerce sua atividade, mas pode questionar a sua própria função e seu modo de agir.

Neste sentido, a liberdade é um mecanismo da natureza. O homem não pode tomá-la para si, pois, Kant afirma que é uma lei dos fenômenos e não uma lei moral que o homem possa tomar para sua consciência e transformá-la em uma máxima. É no mundo dos fenômenos em que consiste este tipo de liberdade negativa.

“... pelo conceito da liberdade nada se pode explicar nos fenômenos, devendo antes aqui o mecanismo da natureza fornecer sempre o fio condutor;” (CRPr, p. 41, § 1)

Entretanto, a liberdade no mundo dos fenômenos passa a ser uma liberdade subjetiva, que estará voltada ao conceito negativo de liberdade.

1.2 O que é a liberdade positiva?

No pensamento kantiano a liberdade positiva não está ligada a nenhum fator externo, pois o homem pode estar preso e amarrado, que ninguém tira sua liberdade. Esta liberdade está ligada ao mundo metafísico. Voltando ao exemplo citado anteriormente: o homem tem o raciocínio como ponto de partida, pois ele pode questionar a própria existência e os próprios atos, não perdendo de vista a razão. Já o robô não tem esta faculdade de pensar, somente exerce sua função.

Muitas vezes usamos o conceito negativo, quando se fala em liberdade, e não no sentido do que é ser verdadeiramente autônomo. O conceito positivo de liberdade é o que é usado com a razão, ao contrário do

1. O que é Liberdade?

Como conceito geral, liberdade é a condição que o homem tem de agir sem restrições ou controle externo de qualquer tipo de ação contrária a ele. Ela concretamente se manifesta na possibilidade de locomover para onde queira, de expressar do modo em que achar conveniente e não por vontade dos outros, de não estar submetido a trabalho forçado ou de servir a alguém que não queira. Mesmo assim o homem está vinculado a uma lei, instituída por ele mesmo, que regula seus atos e suas ações durante sua vida e lhe dá condições de agir dentro de uma sociedade.

A liberdade, do ponto de vista filosófico, foi abordada por muitos filósofos antes de Kant, tais como Aristóteles, que foi o primeiro filósofo a pensar sobre a liberdade na antiguidade. No pensamento de Kant a liberdade é um dos princípios básicos para pensar a autonomia e a lei moral.

Para Kant há duas formas distintas de liberdade: liberdade negativa e liberdade positiva. Pela liberdade negativa, como o próprio nome já expressa, o homem não está preso a nada e tem condições de exercer sua liberdade e exercitar determinada função sem interferência exterior a ele. Já a liberdade positiva é aquela pela qual o homem age por si só de acordo com seus princípios e não de acordo com as causas do mundo dos fenômenos.

1.1 O que é a liberdade negativa?

Segundo Kant, a liberdade não pode ser explicada a partir do mundo dos fenômenos, porque este é constituído por mecanismos exteriores ao homem.

“... Na liberdade não se pode começar, pois não podemos nem dela tornar-nos diretamente conscientes, por que o seu conceito primeiro é negativo, nem inferi-la da experiência, visto que a experiência unicamente nos dá a conhecer a lei dos fenômenos, por conseguinte, o mecanismo da natureza, que constitui precisamente o contrário da liberdade...” (CRPr. p. 41 § 6)

INTRODUÇÃO

O homem, por vezes, não tem conhecimento aprofundado do que é a autonomia moral no pensamento filosófico. Suas necessidades estão em um mundo sensível. Esquece que a lei moral vem antes de tudo, que cada pessoa nasce dentro desta lei e que, apesar disso, tem a liberdade de usar ou não a razão para escolher o caminho que irá seguir.

O homem está sempre procurando o sentido de seu próprio ser. Do ponto de vista psicológico, um momento em que está a procura de seu ser, no sentido de uma grande vontade de aparecer frente à sociedade, é o período da adolescência. Neste momento o jovem coloca a sua existência em dúvida e procura se apoiar nos elementos que estão a sua volta e na necessidade de fazer parte de algum grupo. Esse adolescente, para mostrar a sua maturidade, pode passar a usar drogas e deixar de ser uma pessoa autêntica, pois, para viver passa a depender de algo que está fora dele mesmo e é, de certa forma, superior a ele, causando dependência para sua sobrevivência. Isto é autonomia?

O indivíduo que parte para o mundo das drogas depende de circunstâncias e está 'fora de si'. Este indivíduo tenta impor sua forma de vida, não se preocupando com o restante da sociedade, mesmo que para isso tenha que passar por cima de todos sem se preocupar com as conseqüências de suas ações numa sociedade que tem uma moral estabelecida válida para todos, sem distinção de membros.

No entanto o seu comportamento é de tentar mostrar superioridade em seus atos e modo de vida, o que o leva até à violência, podendo matar e roubar para manter seu vício.

Partindo da moral kantiana, procurarei estudar e identificar o conceito de autonomia e sua função na teoria moral, para em seguida refletir sobre a realidade do usuário de drogas, visando compreender se este possa ser considerado autônomo do ponto de vista moral.

A obra de referência para meu estudo será a Crítica da Razão Prática, consultada pela edição das Edições 70 de Lisboa, que neste trabalho estarei mencionando com as siglas (CRPr).

ÍNDICE

I.	Introdução	6
II.	1 - O que é Liberdade?	7
III.	1.1 - O que é a liberdade negativa?	7
IV.	1.2 - O que é a liberdade positiva?.....	8
V.	2 - O que é autonomia?.....	10
VI.	3 - As drogas na atualidade são um problema moral?.....	12
VII.	3.1 - A sociedade e as drogas.....	15
VIII.	3.2 - Drogas como doença	16
IX.	3.3 - O dependente químico é autônomo?.....	18
X.	4 - Como aplicar a moral kantiana ao problema das drogas?.....	19
XI.	Conclusão	22
XII.	Referências	23

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por ter-me permitido conseguir subir mais um degrau na minha vida, iluminando-me, amparando-me e me animando nas horas mais difíceis. Pois, nas horas que mais precisei, me apoiou em seus braços ou até me carregou, incentivando-me a trilhar os caminhos mais tortuosos para poder alcançar esta vitória e este curso concluir.

Em seguida, aos meus pais, minha esposa e filhos, que quando o cansaço me abalava, estavam ali, com palavras de ânimo para que não desistisse. E que nos momentos mais difíceis, estas pessoas sempre me incentivaram a concluir este curso.

Aos meus colegas e professores, pois, não poderia esquecer pelos momentos de alegria que me proporcionaram ao longo deste curso. Por participarem de minha vida acadêmica e muito me ajudaram para que conseguisse ampliar meus conhecimentos e a amadurecer meu intelecto.

Saudades é o que estarei levando ao longo de existência, de todos que marcaram presença em minha vida durante estes quatro anos acadêmicos, que passamos juntos.

Deixarei aqui registrado os meus sinceros agradecimentos a todos por tudo.

DEDICATÓRIA

Dedico esse momento importante de minha vida a todos aqueles que sempre me motivaram e ofereceram condições em todos os aspectos da minha vida, valorizando meu trabalho reconhecendo meu esforço em todos os âmbitos para poder atingir meus objetivos. Aos profissionais que me serviram de exemplo tanto como orientadores, como amigos, cobrando e incentivando a me dedicar ao máximo aos estudos. e que muito me auxiliaram com seus conhecimentos técnicos e vivenciais, no intuito de me ver crescendo cada vez mais.

E também a todos que de uma forma ou de outra se fizeram presentes em minha vida estudantil e contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e intelectual.

Em especial ao professor e meu orientador Lorenzo Lago, pelo acompanhamento paciente no estudo e pela disponibilidade oferecida à mim quando precisei.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

WAGNER SILVÉRIO DA SILVA

A AUTONOMIA KANTIANA E A RELAÇÃO DOS DEPENDENTES QUÍMICOS

Data da apresentação: 18 / 12 / 2004

Aprovada em: 18 / 12 / 2004



Lorenzo Lago
Professor Orientador



Wagner Silvério da Silva
Aluno

Rubiataba, 2004.

WAGER SILVÉRIO DA SILVA

A AUTONOMIA KANTIANA E A RELAÇÃO DOS DEPENDENTES QUÍMICOS

Monografia apresentada no dia 18 de dezembro de 2004, como parte das exigências do Curso de Filosofia.


Lorenzo Lago
Professor orientador

José Geraldo da Trindade
Professor

Rogério Jacinto
Coordenador de Curso

Rubiataba, 2004.

Wagner Silvério da Silva

**A AUTONOMIA KANTIANA
E A DEPENDÊNCIA QUÍMICA**

Monografia apresentada
como exigência para conclusão do
curso de Filosofia da Faculdade de
Ciências e Educação de Rubiataba –
FACER, sob a orientação do
professor Lorenzo Lago, como
requisito avaliativo na disciplina
Dissertação Filosófica II.

Rubiataba, 2004

Centro de Ensino Superior de Rubiataba – CESUR
Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER



A AUTONOMIA KANTIANA E A DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Wagner Silvério da Silva

S. 30712

Tombo nº	9450
Classif.:
Ex:	1

Origem:	d
Data:	19.02.05

Rubiataba, 2004